

CRISTIANA LÔBO

# FH & A crise de confiança

O que diriam candidatos à Presidência da República que vissem um adversário na disputa prometer na campanha coisas como reduzir o preço da cesta básica em 30%, proporcionar aumento real dos salários em 20%, quase dobrar o valor do salário mínimo e reduzir em um quarto o número de pobres no Brasil? No mínimo, seria chamado de demagogo, populista e alguém que promete aquilo que não pode cumprir.

Pois bem. Esse candidato existe. É Fernando Henrique Cardoso. Só que em 1998, ele não vai fazer promessas, mas dizer que fez tudo isso no primeiro mandato. O levantamento é da equipe econômica, que contabiliza, ainda, os milhares de lares brasileiros que só depois do Plano Real puderam ser equipados com geladeiras e televisores. Esses cálculos estão sendo feitos para que não mais se diga que o Real é o plano do pãozinho, do frango e do iogurte.

Com esta folha de serviços prestados, FH parece mesmo um candidato imbatível em 1998, o que é reconhecido até pelos adversários. É exatamente essa condição de candidato que fez — e não a de candidato de promessas — que faz dele um nome tão forte, capaz até de desarticular os prováveis partidos adversários.

Se conseguir "segurar o Real", como lhe recomendou em 1994 um eleitor de Irecê, na Bahia, suas chances em 1998 serão iguais ou até maiores do que na eleição passada, quando venceu já no primeiro turno. Este cenário, porém, é o de hoje. A política, como dizem os mineiros, é como as nuvens: quando você olha está de um jeito e quando volta a olhar, já está de outro.

O que está desgastando o governo é justamente aquilo que foi considerado virtude em 1994 e fez de Fernando Henrique o candidato da aliança PSDB-PFL: sua capacidade de conciliar e de compor politicamente. Só que o presidente, além de ser conciliador por na-

tureza, prefere empurrar os problemas a resolvê-los. Ele diz que não gosta de ajudar as dificuldades, mas muitas vezes acaba por alimentá-las, pelo jeito de fazer política.

Hoje no Congresso cresce a desconfiança sobre os compromissos políticos de Fernando Henrique. Não só dentro do PSDB — depois dos episódios de Maluf, Itamar e César Maia, para citar alguns —, mas também nos partidos aliados. O PFL, que não é de levar desaforo para casa e tampouco de engolir calado arranhões no partido, tem uma única certeza: se houver outro mandato, Fernando Henrique vai dar-lhe as costas. O PSDB, que é o partido do presidente, não tem a crença de que FH, ainda que recusando a companhia do PFL, vá

ficar com ele.

Porém, ainda com as desconfianças quanto ao futuro, Fernando Henrique continua e continuará sendo o preferido tanto do PFL quanto do PSDB para 1998. Até aí, não há a menor dúvida. A não ser que a relação entre os dois partidos degringole ainda mais daqui por diante.

A dificuldade do governo, hoje, é a sucessão de crises políticas, muitas delas até sem muita importância, mas que ganham força

por causa da incapacidade do presidente de tratá-las adequadamente. O governo, que já teve o apoio de mais de 350 deputados e conseguiu aprovar até um novo imposto, como a CPMF, está se arrastando com as reformas porque não consegue reunir os 308 votos.

O ambiente político não é dos melhores para o governo, mas não se pode apontar um fato concreto para justificar as quedas de popularidade nas pesquisas e a queda na própria confiabilidade de Fernando Henrique. A não ser uma sucessão de erros. Nota-se um esgarçamento generalizado.

O governo vai tentar responder a isso com uma grande festa na semana que vem para comemorar o terceiro aniversário do Real, a insubstituível bóia de Fernando Henrique.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

**O que desgasta hoje é o que fez de FH o candidato da aliança PSDB-PFL: a capacidade de conciliar e compor**